



## **CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO E VALORIZAÇÃO DO LUGAR: ATLAS ESCOLAR DA REGIÃO DO COLÉGIO POLIVALENTE DO CABULA – SALVADOR/BA**

Cosme Jorge Patricio Queiroz

Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

**Resumo:** O presente trabalho aborda a construção de um atlas escolar por alunos do Ensino Médio do Colégio Polivalente do Cabula, localizado na cidade do Salvador, Bahia. A construção do Atlas deverá ser conduzida pelos alunos/pesquisadores, mediado pelas tecnologias, entre elas as geotecnologias. Serão utilizados conceitos como pertencimento, TICs, lugar, geotecnologias, dando ênfase à iniciação ou educação científica dos alunos participantes do projeto A Rádio da Escola na Escola da Rádio, vinculado ao GEOTEC. O trabalho tem como objetivo analisar, no âmbito dos processos formativos, o uso das geotecnologias na construção de um atlas escolar, enquanto estratégia didático-pedagógica e de aprendizagem na sistematização do conhecimento e entendimento do espaço local e global.

**Palavras-chave:** Geotecnologias. Lugar. Espaço. Atlas escolar.

### **INTRODUÇÃO**

Este artigo visa descrever as etapas da construção de um atlas geográfico que está sendo aplicada para vinte alunos das turmas do 1º, 2º e 3º anos do Ensino Médio do Colégio Polivalente do Cabula, localizado na Rua Silveira Martins, s/n, bairro Cabula, na cidade do Salvador, Bahia, durante todo o ano letivo de 2015 e 2016, tendo como orientador o Prof. Dr. Francisco Jorge de Oliveira Brito. Neste artigo serão apresentados os resultados até o final do primeiro semestre de 2016. Este trabalho é parte de uma pesquisa em andamento do Mestrado deste autor.

A construção do Atlas deverá ser conduzida pelos alunos/pesquisadores, mediado pelas tecnologias, entre elas as geotecnologias. O objetivo é construir um dialogismo, criar possibilidades e proporcionar aprendizagens que ajudem na construção e sistematização do conhecimento. Deve ser evidenciado em todo o processo que a elaboração e todas as etapas de produção são mais importantes do que o próprio Atlas. A construção do Atlas pelos alunos agrega a visão dos mesmos.



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

Olhares diferentes de jovens da periferia sobre o lugar, porção do espaço e área de influência da escola.

Para tanto, temos como objetivo analisar, no âmbito dos processos formativos, o uso das geotecnologias na construção de um atlas escolar, enquanto estratégia didático-pedagógica e de aprendizagem na sistematização do conhecimento e entendimento do espaço local e global, sob a ótica dos sujeitos do ensino médio do Colégio Polivalente do Cabula.

Serão utilizados conceitos como pertencimento, TICs, lugar, geotecnologias, dando ênfase à iniciação ou educação científica dos alunos participantes do projeto (estas discussões fazem parte dos estudos do Projeto A Rádio da Escola na Escola da Rádio, vinculado ao Grupo de Pesquisa Geotecnologias, Educação e Contemporaneidade – GEOTEC), que por sua vez é vinculado ao Programa de Mestrado Profissional Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação (GESTEC). Esse relato visa mostrar caminhos para que outros trabalhos, mesmo que possuam diferentes objetivos, mas que busquem ampliar o conhecimento sobre espaço/lugar/local do aluno e possam servir de base. Mostrarei os acertos e também os desacertos, discutindo/sugerindo o que pode ser modificado.

Araújo *et al* (2015, p. 3050) aborda a importância desse projeto para o desenvolvimento da educação científica:

objetivando explorar as potencialidades das Geotecnologias e das Tecnologias da Informação e Comunicação – TIC no entendimento da história, memória e manifestações culturais que se constituem no lugar, mobilizando processos formativos através do exercício dialógico e investigativo. O Projeto A Rádio da Escola na Escola da Rádio, aposta em uma educação científica para os sujeitos envolvidos na proposta, visando à valorização do lugar dos participantes, através do aprofundamento do conhecimento que eles já possuem e vivenciam em seus espaços, sendo divulgado através da proposta da Educação Científica. Desta forma, o Projeto possibilita aos participantes, o reconhecimento e entendimento de seus espaços, bem como a percepção de sua própria identidade como ser social (ARAÚJO *et al*, 2015, p. 3050)

O Projeto da Rádio tem, entre suas finalidades, dentro do GEOTEC: iniciar estudantes do ensino básico à pesquisa científica. Ele aparece da proposta de pesquisa/intervenção do grupo de Tecnologia da Informação e Comunicação e Geo-processamento: explorando novas metodologias de ensino, formado por alunos e professores do ensino básico. O objetivo do grupo era ampliar e discutir as geotecnologias para entender o espaço geográfico. Por outro lado, os objetivos também perpassam outras possibilidades de aprendizagens, de práticas inovadoras de ensino e da convergência de técnicas, tecnologias, conhecimentos e sujeitos na dinâmica da vida escolar.



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

## METODOLOGIA

Destaco que o nosso papel nesta pesquisa é mediar, interagir, intervir, potencializar aos atores, alunos/pesquisadores, a problematização dos seus conhecimentos; mostrar o caráter científico/teórico, ampliando a sua visão sobre os fatos vividos e vivenciados. Entendemos que somos um agente na construção do conhecimento e que devemos refletir sobre nossas atividades e a coletividade que nos une. Baseados nessas premissas, desenvolver uma consciência crítica para planejar as ações que visem às transformações das práticas institucionais e que, também, fazemos parte desse processo, pois estamos imersos nas dinâmicas e nas possibilidades de aprendizagens.

A pesquisa tem como viés a abordagem colaborativo-participativo, ligados aos percursos e seus significados ao longo da mesma. Ao mergulhar no dia a dia da pesquisa, pretendemos entender as vivências e seus sujeitos, utilizando da experiência profissional para a geração de dados e do uso das geotecnologias para o mapeamento e sistematização das informações. A linguagem cartográfica será a mediadora de todo o processo, bem como possibilidade de divulgação da pesquisa através do Atlas.

A pesquisa é descrita como participativo-colaborativo, pois seus agentes, atores, alunos/pesquisadores, não são coadjuvantes ou apenas observadores. Munidos dos conhecimentos do lugar, buscam subverter a ordem imposta pelos processos globais, eles possuem uma participação ativa e crescente em todo o percurso da pesquisa, sempre buscando soluções e inovações para demandas existentes.

## DISCUSSÃO E RESULTADOS

Falar em tecnologia traz à lembrança os elementos técnicos, como: supercomputadores, fibra ótica, nanotecnologia, robótica e tantos outros inventos da humanidade nas últimas décadas. Tudo isso é tecnologia, faz parte da vida moderna e tem importância no nosso desenvolvimento e afeta diretamente o nosso presente e o nosso futuro.

O conceito de tecnologia, é muito mais amplo e muito mais antigo, remete aos objetivos de criar soluções práticas para atender as necessidades dos seres humanos. As primeiras armas feitas de pedras ou ossos, o domínio do fogo, o arco e a flecha, armas que utilizavam pólvora, davam, guardando as proporções devidas, as mesmas vantagens para os povos que as dominavam, em comparação com as nações de hoje mais desenvolvidas possuem, em detrimento das menos desenvolvidas. Então, quando falamos em tecnologia, abrangemos uma área muito amplo do saber e da criatividade dos homens.



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

As Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) trazem possibilidades e ocupam novos ambientes no nosso dia a dia, principalmente nos ambientes escolares. O discurso sobre a tecnologia nos conduz a armadilhas, de pensá-la como ferramenta, softwares, hardwares, instrumentos, entre outros. As tecnologias sintetizam a capacidade humana de satisfazer as suas necessidades. Ela é a capacidade humana e não pode ser oferecida na escola, pode ser estimulada, potencializada.

O conceito utilizado pelo GEOTEC, para tecnologia, tem como autora Hetkowski (2010). Ela explica que potencializar as tecnologias, significa ampliar as possibilidades criativas do homem. Nesse sentido, Brito (2013) colabora, ressaltando a capacidade humana de interagir com os fenômenos de caráter geográficos. A geotecnologia apresenta-se como linguagem onde o homem expressa sua visão de espaço, interpretando e relacionando com os fatos a seu redor.

Nesse contexto sobre geotecnologias, Brito (2013), explica que as geotecnologias não podem ser vistas apenas como técnicas matemáticas ou computacionais, e sim, de uma forma mais ampla, no contexto das possibilidades de comunicação da humanidade. Sendo assim, Brito (2013, p. 23) salienta:

[...] as geotecnologias são entendidas como a capacidade humana de apresentar, representar, interpretar e analisar os fenômenos de caráter geográfico, tanto em meio analógico como no meio digital, bem como sob superfícies materiais (papel ou tela de computador) ou mentais. Este entendimento suporta o uso destas tecnologias como linguagem, na qual o homem apresenta sua visão de espaço, bem como interpreta outras representações. Supera-se assim, compreensão tecnicista de que as geotecnologias estão relacionadas, exclusivamente, às plataformas computacionais (BRITO, 2013, p. 23).

Neste trabalho, utilizaremos os entendimentos sobre geotecnologias de Hetkowski (2010) e Brito (2013), dando ênfase ao homem e sua capacidade de reinventar e interpretar os aspectos geográficos. Nessa linha sobre geotecnologias, Pereira (2015) faz a ligação entre os sujeitos e seus lugares, na construção e elaboração dos espaços, que carrega influência do sujeito, do cotidiano e, principalmente, de suas relações com o meio em que ele vive e modifica constantemente.

Nesse entendimento, Hetkowski (2010, p. 6) destaca:

[...] tecnologias são processos humanos criativos, que envolvem elementos materiais (instrumentos e técnicas) e imateriais (simbólicos e cognitivos) e que se encarnam na linguagem do saber e do fazer dos homens. Assim, a geotecnologia representa a capacidade criativa dos homens, através de técnicas e de situações cognitivas, representar situações espaciais e de localização para melhor compreender a condição humana. Assim, potencializar as tecnologias, significa ampliar as possibilidades criativas do homem, bem como ampliar os “olhares” à



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
**E D U C A Ç Ã O**

exploração de situações cotidianas relacionadas ao espaço geográfico, ao lugar da política, a representação de instâncias conhecidas e/ou desconhecidas, a ampliação das experiências e a condição de identificação com o espaço vivido (rua, bairro, cidade, estado, país) (HETKOWSKI, 2010, p. 6).

Faz-se necessário perceber as geotecnologias para saber como utilizá-las, como compreender o espaço que nos cerca e suas várias interpretações, além de entender que as ações individuais ou coletivas dos atores de um determinado espaço/lugar interferem, não só na sua dinâmica, mas também na sua construção.

Entender as geotecnologias é relacioná-las diretamente com a evolução da humanidade, suas descobertas e seus avanços científicos, como também, com o desenvolvimento individual do homem; são as chamadas dimensões imateriais que tangem o conhecimento acumulado pela humanidade.

A cartografia é um instrumento importante para o ensino/entendimento da Geografia, porém não é determinante para a sua compreensão. A Cartografia tornou-se um importante potencial metodológico na educação dos nossos dias, tanto para que o aluno tenha a capacidade de analisar o espaço em que vive, quanto para atender às necessidades do seu dia-a-dia.

Mesmo sendo importante, a Cartografia não é a única responsável por essa análise e construção. Por meio dessa linguagem, torna-se possível realizar a síntese e a análise de informações, como também sistematizar conteúdos (COSTA et al., 2012; SOUZA & COSTA, 2011). Entretanto, conforme descrito por Francischett (2004), uma vez que as representações cartográficas se valem de muitos símbolos para transmitir informações aos usuários, é importante lembrar que a escola deve criar oportunidades para que os alunos construam conhecimentos sobre essa linguagem nos dois sentidos: como leitores das informações expressas por ela, visão tecnicista; e como pessoas que representam e codificam o espaço, objetivo do nosso trabalho.

Para entender a construção do espaço, Santos (1994, p. 1994) salienta sobre as transformações e interações entre os diversos elementos, destacando:

tudo que existe num lugar está em relação com os outros elementos desse lugar. O que define o lugar é exatamente uma teia de objetos e ações com causa e efeito, que forma um contexto e atinge todas as variáveis já existentes, internas; e as novas, que se vão internalizar (SANTOS, 1994, p. 97).

Podemos relacionar as palavras de Santos (1994) com a formação de dois bairros de Salvador. Os bairros de Sussuarana, um dos recortes de pesquisa deste trabalho, e o bairro do Horto Bela Vista.



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

O bairro do Horto Bela Vista é um bairro que nasce planejado e, mesmo não fazendo parte dos estudos, possui fronteiras com os Pernambués e o Cabula, bairros que fazem parte da pesquisa. O planejamento, os serviços como *shopping center*, terminal de ônibus e metrô, tornou o bairro um dos vértices de Salvador.

O bairro de Sussuarana nasce de forma espontânea, sem planejamento e, durante muitos anos, sem qualquer intervenção significativa em seu espaço pelo poder público. Um exemplo das consequências futuras dessa falta de planejamento é a construção de redes de esgotos pelo programa Bahia Azul. É muito mais fácil a aplicação do projeto no bairro do Costa Azul, onde a maior parte de suas ruas são ordenadas, do que em Sussuarana, onde as ruas em muitos casos são vielas. Lembramos que esse programa visa, principalmente, as classes menos favorecidas.

Quando se discute globalização, normalmente é dado ênfase ao seu poder econômico de integração das nações. Ela é mostrada como um instrumento que irá igualizar as nações e, conseqüentemente, as pessoas, trazendo felicidade e harmonia para o mundo. Nesse contexto, Massey (2008) colabora ao afirmar que a globalização modela a imagem do espaço como horizontal, sem profundidade. Porém, o que ocorre na realidade é uma corrida pelo consumo; é colocada uma necessidade de consumir onde ela não existia, e produtos são desejados mesmo que as pessoas não tenham condições de adquiri-los.

Para melhor entendermos o processo da globalização, podemos recorrer ao final do século XV, o período conhecido como das Grandes Navegações. A busca de novos caminhos para as “Índias” escondia uma necessidade de consumo de novos produtos para os europeus e não uma ligação com ela. Os temperos e depois o açúcar trazido das plantações das Américas eram viciantes. Mudaram os costumes e criaram novas necessidades para o povo.

Milton Santos (2000) divide a globalização em três vias: a fábula, a farsa e a possibilidade. Na fábula é vendida a ideia de aldeia global, o mundo ficou menor e, por estarmos mais próximo, tudo pode ser consumido de forma igualitária. O mundo é mais bonito e feliz; a farsa está ligada ao mercado e a apologia ao consumo. A felicidade está em ter que consumir produtos, mesmo sem necessidade, e muitas vezes fruto do excesso de produção ou fora da moda no mundo desenvolvido. Finalmente, a possibilidade ou alternativa, seria uma forma de usar a globalização a nosso favor. Nesse panorama, trazendo para o ambiente escolar, como um instrumento de aprendizagem, esta nuance será explorada nesta pesquisa.

A globalização é uma realidade mundial e não será revertida, provavelmente ela continuará em uma progressão cada vez maior. Cabe a nós, que somos apenas instrumentos de um mercado,



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

buscar formas de utilizá-lo a nosso favor. E a nós professores usarmos como alternativa, como potencialidade e possibilidade.

Nesta pesquisa, quando tratarmos de lugar, estaremos dando ênfase e valorizando o pertencimento e a história dos sujeitos, a construção coletiva do espaço democrático, todos os signos, símbolos, espaços e lugares, que compõem o lugar e os fenômenos urbanos, auxiliados pelas TICs e pelas geotecnologias.

Para tanto, iniciamos com o pensamento de Moreira (2015, p. 42), que aborda:

compreendemos que o lugar se apresenta inicialmente como um refúgio, um espaço íntimo carregado de sentimentos e significados, onde é notória a manifestação da subjetividade, representada pelo olhar particular em perceber ao seu modo, esse mesmo lugar, como um espaço de conexões e sentido ímpar (MOREIRA, 2015, p. 42).

Nesse aspecto, o lugar é uma construção coletiva relacionado com o mundo local e o global, valendo ressaltar que a globalização que é tão discutida nos dias atuais, não significa igualdade entre os diversos locais, mesmo aqueles com características semelhantes no seu processo de criação.

Entender o espaço em Geografia é fazer um percurso pela história dos homens, suas experiências, suas produções e suas vivências. Ressaltando esse entendimento, Brito (2013, p. 15) afirma:

o conceito de espaço remete a uma "confusão" sem precedentes, uma vez que tudo ou quase tudo pode ser contemplado nesta categoria e/ou conceito. Esta "completeza" compromete, em parte, o entendimento sobre a mesma. A múltipla formação histórico-social dos sujeitos possibilita a construção de múltiplos entendimentos sobre o que é espaço e como ocorre a sua ocupação e organização (BRITO, 2013, p. 15).

Na busca da construção do Atlas, o trabalho em campo assume uma importância fundamental. É imergindo neste trabalho que podemos mapear as formas que o espaço possui. Para tanto, a Geografia e a História assumem papel importante, tanto na construção como na descrição do mesmo. Porém, a Geografia possibilita um recorte. O trabalho de campo em Geografia requer a definição de espaços com conceitos adequados aos fenômenos que se deseja estudar. É necessário recortar adequadamente os espaços de conceituação, para que sejam revelados e tornados visíveis os fenômenos que se deseja pesquisar e analisar na realidade (SERPA, 2006).

O objetivo desta seção é costurar a teoria, o referencial teórico com a prática. É neste momento que o Atlas Escolar vai ganhar contornos e o início do processo será descrito.



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

O poeta Fernando Pessoa escreveu que “navegar é preciso”, conhecer seus caminhos também. O homem desde os seus primórdios busca uma forma de expressar o seu espaço, seja utilizando-se de elementos visuais como mapas, das mais diversas bases, tais como: em argila, couro, papiros ou papel; ou em suportes computacionais, como: mapas digitais, imagens de satélites, entre outros.

O nosso trabalho questiona não a localização formal, a georeferenciada; questionamos a percepção, o oculto, que na verdade, está dentro do concreto; o espaço vivido e percebido, as relações de conhecimento/pertencimento na vida cotidiana dos nossos alunos/pesquisadores. Sobre essa construção e percepção do espaço, Massey (2008, p. 274) afirma:

o espaço é tão desafiador quanto o tempo. Nem o espaço nem o lugar podem fornecer um refúgio em relação ao mundo. Se o tempo nos apresenta as oportunidades de mudança e (como alguns perceberiam) o terror da morte, então o espaço nos apresenta o social em seu mais amplo sentido: o desafio de nossa interrelacionalidade constitutiva – e, assim, a nossa implicação coletiva nos resultados dessa interrelacionalidade, a contemporaneidade radical de uma multiplicidade de outros, humanos e não-humanos, em processo, e o projeto sempre específico e em processo das práticas através das quais essa sociabilidade está sendo configurada (MASSEY, 2008, p. 274).

Para essa autora, a discussão deveria ser encarada de forma aberta as interrelações que compõe e constrói o espaço e não de formas espaciais abstratas. O espaço e o lugar são dinâmicos nas suas relações sociais coletivas humanas e não-humanas.

Como Massey (2008, p. 274) afirma: “nem o espaço nem o lugar podem fornecer um refúgio em relação ao mundo”. Buscamos caminhos diferentes na construção do Atlas do Colégio Polivalente do Cabula. Pretendemos nos diferenciar do que normalmente é produzido com títulos modernos, mas que repetem a mesma fórmula cartesiana e tecnicista de apresentar e representar o local/espaço.

Seguindo a linha de raciocínio de Carreiro (2003), buscamos uma abordagem crítica e de vivência dos nossos alunos/pesquisadores. Segundo ainda o mesmo autor, o atlas tem a potencialidade de levar a uma consciência crítica, “[...] Atlas Municipal Escolar se constitui em um material didático elaborado sob a concepção de ensino que pode levar a uma melhor compreensão crítica e reflexiva acerca da realidade local” (CARREIRO, 2003, p. 172).

O primeiro encontro com as turmas do 1º ano ocorreu em maio de 2015, eram cinco turmas de primeiro ano que, após determinação da SEC, foram diminuídas para quatro. Neste primeiro contato, tentamos despertar nos alunos a magia de participar de um projeto que, para eles e para o pesquisador, era inédito. Buscar novos desafios, novos conhecimentos, ser apresentado ao grupo de



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

pesquisa GEOTEC e ao grupo do Projeto da Rádio, conhecer a UNEB e, quem sabe, fazer parte desse mundo em um futuro bem próximo.

Falamos sobre os bairros, suas ruas, a vinda para a escola. O que é visto e percebido neste espaço, sobretudo, os entendimentos sobre espaço e as geotecnologias. Explicamos, de forma resumida, até porque o projeto ainda estava sendo escrito, como seria a construção de um mapa ou de um conjunto de mapas; que a ênfase é dada ao pertencimento, como eles poderiam participar e principalmente contribuir, utilizando a sua vivência, bem como geotecnologias para a construção do Atlas.

Para que o trabalho tenha uma área determinada, o recorte na pesquisa, foram identificados os bairros aos quais os pesquisadores moravam: Narandiba, Mata Escura, Tancredo Neves, Sussuarana, que abrange também o Centro Administrativo da Bahia – CAB, Sussuarana Nova, Novo Horizonte, Estrada das Barreiras, Arraial do Retiro, Resgate e Pernambués. Vale ressaltar que os nomes dos bairros não seguem fielmente a divisão feita pela Prefeitura do Salvador, e sim, pelo sentido de pertencimento do aluno/pesquisador.

Os vieses dos encontros perpassam o entendimento do lugar da escola, o Bairro do Cabula, numa perspectiva de localização; sua conectividade com o entorno, vias de ligação, linhas de transporte disponíveis e bairros de origem dos alunos pesquisadores; bem como a relação desse lugar com a Cidade de Salvador, com a Região Metropolitana, com o Estado da Bahia e assim por diante. Bricolagens com as dimensões do espaço, bem como a busca de evidências relacionadas às singularidades percebidas, quase que exclusivamente, por estes sujeitos.

No final de 2015 foram apresentados os primeiros resultados, alguns alunos mostraram fotos dos seus respectivos bairros. As fotos expressavam ângulos que não eram normalmente percebidos no dia a dia.

Questionados sobre o que as fotos representavam, o aluno relatou que o local lembrava o interior da família: “mesmo lá não tendo prédios como estes”. Já, o outro aluno relatou sobre as brincadeiras de criança: “joguei muita bola aí”. As relações que são criadas por um determinado lugar estão atreladas ao grau de pertencimento que temos por ele. Este pode ser percebido ou não pelo sujeito, porém ele existe e compõem o que entendemos por pertencimento.

Ficou combinado que a participação nesse primeiro trabalho, o painel, seria direcionado exclusivamente para a música, fotos, pintura e poesia, também foi questionado se eles poderiam participar de algumas reuniões do grupo de pesquisa GEOTEC. A professora Iris de Jesus, de



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

Linguagem, que também participava da reunião se ofereceu para fazer a revisão dos trabalhos e direcionar um momento de suas aulas, com o 2º ano, para ampliação das discussões.

O esboço de uma música (*hip hop*) e um desenho, expressando a paisagem do bairro de Sussuarana, foram apresentados por dois alunos do 3º ano e uma aluna do 2º ano. Eles expressavam o pertencimento pelo seu bairro, a forma particular, de entenderem o seu local. “Professor, o senhor vai entender o desenho quando ler a música”, relatou um dos alunos. No nosso entendimento, a parte superior do desenho é expressada em tons de cinza, mostrando a realidade do local e, a parte inferior, colorida, mostrando toda a beleza e alegria que eles gostariam de ver ou mesmo que eles percebem em seu espaço/local.

Baseados no que já se discutiu sobre Santos, iniciamos os entendimentos pelo formato que deverá ter o Atlas. Foram dadas algumas sugestões a esse respeito, ficou combinado que ele seria apresentado digitalmente (o programa será definido posteriormente), o que facilita a sua difusão e, fisicamente, terá como base o tamanho da folha de ofício A4, em formato paisagem. A versão digital será acrescentada com informações que foram objeto da pesquisa, porém não inclusas na versão de papel.

A respeito da ordem de elaboração/construção, os alunos pesquisadores decidiram que o atlas será apresentado da seguinte forma: os bairros serão ordenados separadamente e em ordem alfabética, a capa será desenvolvida por um grupo posteriormente escolhidos; nas página seguintes: uma foto do Google Heart de baixa altitude, localizando o bairro e seus arredores e uma breve descrição histórica; os QR Code (representando os vídeos dos bairros gravados pelos alunos); fotografias de cada bairro; letras de músicas (não terá uma ordem para estilo musical); poesias; grafites e desenhos e na última página, os créditos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma barreira para este tipo de trabalho é conseguir agregar, pôr todos em um mesmo espaço, que não seja o da sala de aula. Vale salientar que o pesquisador encontra-se de licença para estudos. Esse comentário torna-se importante, pertinente, pois todo pesquisador deve saber das dificuldades que irão encontrar no desenvolvimento da pesquisa. No ambiente escolar, os cenários, os pesquisadores, a própria pesquisa não é asséptica; tudo é mutável, como deve ser um espaço em construção, cabendo ao mediador da pesquisa entender e superar os novos desafios, transformando dificuldades em aprendizagens e resultados.



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

Entretanto, nem só de dificuldades vive a pesquisa. Potencializar a utilização das TICs pode ajudar e dinamizar os trabalhos. O grupo criado (Projeto Poli) no aplicativo de smartphone *WhatsApp*, está agregando cada vez mais alunos, direcionando para o cumprimento de tarefa, indicando literaturas pertinentes à pesquisa, trocando informações entre os diversos membros, transmitindo arquivos de áudio, vídeo e imagens. Para agilizar os trabalhos e melhorar a integração entre os diversos membros da pesquisa, foram colocados administradores em cada turma do 1º, 2º e do 3º anos.

A parada para o recesso de meio do ano nos fez repensar o andamento da pesquisa, tudo que foi feito, os acertos e os desacertos. Entre os acertos, pode ser destacado o aumento da maturidade tanto dos alunos/pesquisadores como, principalmente, do pesquisador. A forma de encarar e entender a sala de aula, a vontade de criar novas estratégias, inclusive baseada na experiência desse ano; repensar o projeto para o próximo ano letivo. O principal problema que detectamos foi justamente o que parecia ser o mais benéfico, o afastamento total das atividades em sala de aula. Desse modo, teríamos mais tempo para estudar e escrever, porém, nos afastou do convívio diário com os atores da pesquisa.

Na prática, percebemos que este afastamento dificultou o andamento da pesquisa. Reunir, motivar, acompanhar os alunos/pesquisadores ficou muito mais difícil. Precisávamos do horário de outro professor; os partícipes não podiam se deslocar em horário oposto a aula. Assim, só poderíamos nos reunir na sala de vídeo ou no laboratório de informática, caso não estivessem reservados por outros professores. O rodizio de alunos/pesquisadores foi maior que o esperado pelo pesquisador. Estando em, pelo menos, meio período em sala, a pesquisa teria outra dinâmica, estaria em um patamar mais elevado.

Também notamos avanços. Alguns alunos demonstraram vontade em estender seus estudos, irem além da formação em um curso superior. A forma de perceber e entender o seu local/lugar/espço, perceber o lugar no lugar onde ele habita foi outro progresso. Um ponto importante que será reforçado no segundo semestre é a junção da teoria com a prática. Avançar na compreensão do lugar e do pertencimento, transpondo a teoria para o dia a dia. Mostrar a convergência entre os conteúdos estudados na escola, no projeto do Atlas e a sua vivência, bem como o dialogismo na sistematização dos conhecimentos e nas aprendizagens emergentes. A participação dos atores será descrita e a ênfase dada às etapas da construção do Atlas, o qual expressa estes entendimentos sobre o lugar a partir da ótica desses jovens pesquisadores.



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

Este processo converge no compartilhamento das histórias associadas aos lugares, das histórias associadas à dinâmica dos processos de construção das expressões e das histórias coletivas e singulares (individuais), as quais são materialmente registradas por fotografias, desenhos, textos, músicas e vídeos e, imaterialmente, pelas histórias que vão compor o imaginário e as utopias inerentes aos sujeitos.

## REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, K. S. S. et al. A Rádio da Escola na Escola da Rádio: Representação dos Espaços Baianos Sob o Olhar Artístico. Anais do Educere, 2015. Disponível em: <file:///C:/Users/User/Downloads/download.pdf>. Acesso em: 30 jun. 2016.
- BRITO, Francisco J. de O. **Análise Crítica da Cartografia: Potencialidades do uso de Mapas na Contemporaneidade**, 2013. Tese (Doutorado). Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade. Campus I, 2013. 130f.
- CARREIRO, Maria Silvia Almeida. Um Olhar Geográfico Sobre a Construção do Atlas Municipal e Escolar de Rio Claro. **Caderno Cedes**, Campinas, v. 23, n. 60, p. 169-178, agosto 2003.
- COSTA, F. R.; ASSIS, F.; LIMA, F. A linguagem cartográfica e o ensino-aprendizagem da Geografia: algumas reflexões. **Geografia Ensino & Pesquisa**, v. 16, n.2, p. 105-116, 2012.
- FRANCISCHETT, M. N. **A cartografia no ensino-aprendizagem da Geografia**. Biblioteca On-Line de Ciências da Comunicação, p. 1-11, 2004. Disponível em: <www.bocc.ubi.pt/pag/franschett-mafalda-representacoes-cartograficas.html>. Acesso em: 17 nov. 2015.
- HETKOWSKI, Tânia Maria. **Geotecnologia: como explorar educação cartográfica com as novas gerações?** Belo Horizonte: ENDIPE, 2010.
- MASSEY, DOREEN B., **Pelo Espaço: Uma Nova Política da espacialidade**, tradução Hilda Pareto Maciel, Rogério Haesbaert, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.
- MOREIRA, R.P.S. **O lugar da pesquisa na educação geográfica: relatos de experiências dos alunos do ensino médio IFBA – Campus Valença**. Dissertação de Mestrado. Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Salvador, 2015, 110p.
- PEREIRA, Inaiá Brandão. **Educação Geográfica e Geotecnologias: construindo estratégias à compreensão do Lugar no Ensino Fundamental**, UNEB, p. 48–68, 2015.
- SANTOS, Milton, **Metamorfoses do espaço habitado**. 3º ed. São Paulo: Hucitec, 1994.
- \_\_\_\_\_. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**, 22 ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- SERPA, Ângelo, O Trabalho de Campo em Geografia: uma abordagem teórico-metodológico, **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, nº 88, 2006.
- SOUZA, R. K.; COSTA, F. R. da. Cartografia e de Geografia: relação ensino-aprendizagem dos discentes do curso de Geografia do CAMEAM/UERN. **Geotemas**, v. 1, n. 1, p. 7-13, 2011.